



**RELAÇÕES DE GÊNERO E A QUESTÃO IDENTITÁRIA: UM ESTUDO DE CASO
EM ASSOCIAÇÕES DE ARTESANATO E CULINÁRIA**

**GENDER RELATIONS AND IDENTITY ISSUE: A CASE STUDY IN
ASSOCIATIONS OF CRAFTS AND CUISINE**

**RELACIONES DE GÉNERO Y LA QUESTIÓN DE LA IDENTIDAD: UN ESTUDIO
DE CASO EN LAS ASOCIACIONES DE ARTESANÍA Y ALIMENTACIÓN**

Fernanda Pierangeli Fonseca

Mestre em Administração/Universidade Federal de Lavras

E-mail: fepierangeli@hotmail.com

Lavras, Minas Gerais, Brasil

Mônica Carvalho Alves Cappelle*

Doutora em Administração/Universidade Federal de Minas Gerais

Professora Adjunta III da Universidade Federal de Lavras

E-mail: edmo@dae.ufla.br

Lavras, Minas Gerais, Brasil

Maria de Lourdes Oliveira e Souza

Doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Professora Adjunta III da Universidade Federal de Lavras

E-mail: julinet@dae.ufla.br

Lavras, Minas Gerais, Brasil

Laila Cristina Fonseca

Graduanda em Administração/Universidade Federal de Lavras

Bolsista Iniciação Científica CNPq

E-mail: lailafonseca16@yahoo.com.br

Lavras, Minas Gerais, Brasil

Natácia Lamoglia de Souza

Graduanda em Administração/Universidade Federal de Lavras

Bolsista Iniciação Científica FAPEMIG

E-mail: natlamoglia@yahoo.com.br

Lavras, Minas Gerais, Brasil

*Endereço: Mônica Carvalho Alves Cappelle

Universidade Federal de Lavras - Departamento de Administração e Economia, Campus Universitário, Caixa Postal 3037, Lavras/MG, 37200-000

Editora: Dra. Marlene Araújo de Carvalho

Artigo recebido em 29/11/2012. Última versão recebida em 19/12/2012. Aprovado em 20/12/2012.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

A questão da transformação identitária de mulheres de três associações de artesanato e culinária foi o tema principal desse trabalho. A amostra foi escolhida a partir do mapeamento das associações, tendo como principais requisitos para a seleção: terem em sua composição mulheres; estarem inseridas na Economia Popular Solidária; possuírem diferentes tempo de formação. Foram selecionadas as associações e posteriormente entrevistados os seus presidentes, utilizando-se de um roteiro de pesquisa. Feita a contextualização das associações e obtidas algumas informações realizam-se as entrevistas das associadas. O método utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa foi o estudo explicativo de casos múltiplos. Contemplando aspectos conceituais acerca de gênero e identidade, objetivou-se especificamente: compreender como o ingresso em associações de trabalho impacta na identidade dessas trabalhadoras; e identificar se há características e/ou processos específicos nessas organizações relacionados ao gênero que influenciam na construção de uma nova identidade por suas participantes. Os resultados encontrados apontam que a identidade de algumas entrevistadas sofre uma transformação, mesmo que despercebida, a partir do ingresso em suas associações. Em relação às associações, o que se percebe é um alto envolvimento das associadas entrevistadas da Assoart e da Alac, onde muitas possuem cargos relacionados à diretoria. Porém, na ACVA, o envolvimento das associadas é baixo e sentimentos como desconfiança e descrença são visivelmente percebidos em seus depoimentos. Enfim, este estudo traz contribuições relevantes para futuras pesquisas e para o entendimento acerca das questões que envolvem principalmente o mundo feminino e as suas relações com o mundo masculino.

Palavras-chave: associações; gênero; identidade; artesanato; culinária.

ABSTRACT

The question of identity transformation of women in three associations of crafts and cuisine was the main theme of this work. From the mapping of associations, with the main requirements for the selection: women have in their composition; are inserted in the solidary economy; have different training time. The associations were selected and interviewed after their presidents, using a roadmap for research. Once the context of associations and obtained some information held interviews of associates. The method used for this research was the qualitative explanatory study of multiple cases. Contemplating conceptual issues about gender and identity, specifically aimed to: understand how the entrance into associations of work impacts on the identity of these workers; and to identify whether there are features and or specific processes in these organizations related to gender that influence the construction a new identity for its participants. The results show that the identity of some of the members interviewed undergoes a transformation, even if by some unseen, from the entrance to their associations. Regarding associations, what one perceives is a high involvement of members of the interviewed from Assoart and Alac, where many have related posts to the board. However, in ACVA the involvement of members is low and feelings of mistrust and disbelief are visibly perceived in their statements. Finally, the study brings important contributions to future research and for the understanding of issues involving mainly the female world and relations with the male world.

Keywords: associations; gender; identity; handicrafts; cookery.

RESUMEN

La cuestión de la transformación de la identidad de las mujeres de tres asociaciones de artesanía y culinaria fueron el tema principal de este trabajo. Desde la cartografía de las asociaciones, los requisitos principales para la selección: fueran las asociaciones teneren las mujeres en su composición; estaren insertados en Economía Popular Solidaria ; y sus miembros teneren el tiempo de formación diferente. Hecha la contextualización de las asociaciones y obtenidos algunas informaciones empezaron las entrevistas con los asociados. Hemos seleccionado las asociaciones y sus presidentes entrevistados más tarde, utilizando una hoja de ruta para la investigación. El método utilizado para el desarrollo de este estudio de investigación cualitativa fue el estudio explicativo de casos múltiples. Contemplando las cuestiones conceptuales sobre género e identidad, con el objetivo específico de: comprender como la inserción en una asociación de trabajo afecta la identidad de estas trabajadoras, e identificar si existen características y / o procesos específicos en estas organizaciones relacionadas con el género que influyen en la construcción de una nueva identidad para sus participantes. Los resultados muestran que la identidad de algunas personas entrevistadas sufreran una transformación, aunque desapercibido, desde la entrada a sus asociaciones. En relación a las asociaciones, lo que vemos son un alto involucimiento de los participantes y asociados da Assoart y da Alac, donde muchos tienen trabajos relacionados con la junta directiva. Sin embargo, en la ACVA, la participación de las asociadas son bajos y sentimientos como la desconfianza y la incredulidad son visiblemente percibidos en sus testimonios. Por último, este estudio ofrece importantes contribuciones para las futuras investigaciones y para la comprensión de las cuestiones relacionadas principalmente al mundo femenino y sus relaciones con el mundo masculino.

Palabras claves: asociaciones; género; identidad; artesanía; culinaria.

INTRODUÇÃO

As mulheres têm conquistado cada vez mais um espaço significativo na vida pública e como consequência a sua independência, o conhecimento e o reconhecimento, mesmo que gradual, das pessoas e de seus companheiros através de seu trabalho, com isso edificando sua autoestima. Porém, essa evolução feminina ainda se encontra em um estágio que envolve a quebra de paradigmas, de uma sociedade com vestígios patriarcais, a qual dita o mundo das mulheres como o mundo privado, colocando-as atrás dos bastidores da história.

A partir do momento em que essas mulheres ingressam no mercado de trabalho, a transformação de suas distintas realidades, como a conquista de seu espaço, valorização e autorreflexão de suas atitudes são aspectos que contribuem para a mudança, principalmente pessoal e íntima. Essa participação feminina no mundo público reivindica também alterações e adaptações no ambiente organizacional, como a criação de novas políticas públicas que se adéquem a essa realidade que antes era na sua maioria constituída por homens e para os homens. Diante disso, questiona-se: como a participação nessas organizações pode afetar a identidade dessas mulheres, antes limitadas ao ambiente privado?

Partindo desse contexto, torna-se relevante aprofundar o estudo sobre a (re)construção da identidade feminina, a partir de sua participação em uma organização composta por mulheres em uma sociedade patriarcal como a brasileira.

Sendo assim, o presente trabalho se divide em quatro partes. Em um primeiro momento são apresentados elementos relevantes sobre gênero e identidade. A articulação entre associativismo, identidade e gênero é elucidada na sequência, finalizando-se assim a parte teórica. A metodologia utilizada é descrita na segunda parte. Os resultados são apresentados em seguida, articulando-se a teoria com os depoimentos e com as informações obtidas, principalmente nas entrevistas. Na última parte, algumas considerações finais são acrescentadas, a fim de sintetizar as análises, como também estimular futuras pesquisas que abarquem novos estudos nesta área.

GÊNERO, O FEMININO E O MASCULINO

Para abordar a questão do gênero é necessário recorrer à história da sociedade brasileira, uma vez que a projeção da dominação feminina do nosso país é histórica, vem do conquistador europeu e a mulher índia, onde o intercuro sexual entre esses dois personagens não foi apenas perturbado pela sífilis e por doenças européias de fácil contágio venéreo:

verificou-se – o que depois se tornaria extensivo às relações dos senhores com as escravas negras – em circunstâncias sempre desfavoráveis à mulher (FREYRE, 2006).

As consequências dessa dominação histórica nos remetem aos dias de hoje, em que ainda se veem mulheres submissas e dominadas por seus maridos e até mesmo pela sociedade. Esse drama da cultura patriarcal faz com que o homem se julgue o único detentor da racionalidade, do mando e da construção da sociedade, relegando as mulheres à privacidade, às tarefas domésticas e ao fato de serem consideradas como apêndices, objetos de adorno e de satisfação (BOFF; MURARO, 2002).

De acordo com Silva e Sung (1995), traços do patriarcalismo ainda podem ser percebidos neste século, seja na violência contra as mulheres por parte dos seus companheiros ou pais, ou no campo da economia e política, onde se verifica a inexpressiva presença das mulheres nos postos de comando ou decisão. Segundo esses autores, o patriarcalismo prevalece também nas igrejas e nos movimentos religiosos, cujos membros são em maioria do sexo feminino, mas com muito pouco acesso aos escalões médios e superiores. A própria imagem de Deus, na maioria das religiões ocidentais, está fortemente marcada pela figura masculina. Para esses autores, as antigas religiões que adoravam a deuses e deusas foram perdendo força no decorrer dos tempos, eliminando suas figuras femininas e se concentrando nas masculinas e patriarcais (SILVA; SUNG, 1995). Esse patriarcalismo é definido por Castells (2008) como uma estrutura presente em quase todas as sociedades contemporâneas, caracterizada pela autoridade do homem sobre a mulher e filhos, no âmbito familiar.

Porém, a crise da família patriarcal, na década de 90, e conseqüentemente o enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade, na dominação masculina e na submissão feminina (CASTELLS, 2008) faz emergir nessa década uma mulher menos vítima e menos subordinada, mais protagonista e sujeito de sua história. Uma mulher que “reivindica a sua participação ativa na definição e na provisão de suas necessidades, satisfações de seus desejos e inquietações junto ao seu parceiro, filhos e à comunidade” (MENEZES, 2002, p. 74).

Entretanto, ainda um longo caminho a percorrer em direção à igualdade entre homens e mulheres. Há dominação masculina possui precedentes históricos e os poderes atribuídos aos homens ainda é diferenciado daqueles atribuídos às mulheres. Aos homens o poder financeiro, o poder político; às mulheres, o poder maternal, o poder doméstico que para Bourdieu (1999), passa em sua maior parte, despercebido ou mesmo malvisto, algo sem valor, sem remuneração.

Enfim, nesse “turbilhão” de transformações sofridas pelas mulheres, observa-se tanto conquistas quanto fracassos. Apesar da mulher ter lutado intensamente pelo seu reconhecimento como sujeito capaz, há ainda mulheres que não conquistaram seu espaço na vida pública devido a fatores que abrangem aspectos sociais, econômicos, pessoais e até culturais. Quanto ao aspecto cultural, Boff e Muraro (2002, p. 77) destacam que a “superação deste obstáculo cultural é a primeira condição para um relacionamento de gênero mais integrador e justo para cada uma das partes”.

Soihet (1997) acredita que estudos acerca do gênero, principalmente relacionados à questão do poder, farão emergir uma nova história que oferecerá outras perspectivas às velhas questões e redefinirá as antigas questões em termos novos. É o que já vem acontecendo com algumas mulheres que antes eram invisíveis à sociedade, aquelas que acreditam na mudança e as que lutam para participar da história. Elas têm quebrado paradigmas, modificando estruturas sociais e organizacionais, e mais, têm alterado o curso de sua própria história, por meio da reconstrução de suas identidades.

QUESTÕES DE IDENTIDADE

A identidade é vista como algo mutável, que sofre transformação. É algo que pode ser reconstruído e modificado ao longo do tempo. Na visão de Pahl (1997, p. 174), a identidade possui caráter relacional, pois “as pessoas se identificam com aquilo que dizem de si mesmas e que os outros dizem dela”. A relação entre a opinião do “eu” e do “outro” sugere momentos de reconstrução de identidades, pois a forma como nos vemos é influenciada pela forma como os outros nos veem, e, a partir de como os outros nos veem, começamos a nos ver de uma forma diferente e até nos comportarmos de forma diferente. Pode-se supor então que a identidade influencia na estruturação da ação dos indivíduos.

Os processos de socialização são também fatores importantes que impactam na identidade e na formação do indivíduo, seja pela socialização primária a qual o indivíduo está sujeito desde a sua infância, seja pela socialização secundária que se refere às sucessivas socializações que ele sofre durante a sua vida. Sobre isso, Berger e Luckmann (1966) postulam que o indivíduo não nasce membro de uma sociedade. Ele nasce com predisposição para a sociabilidade e torna-se seu membro por um processo de interiorização, que envolve a apreensão ou interpretação do mundo em que vive, tornando esse mundo o seu próprio mundo. Esse processo pelo qual a interiorização ocorre é a socialização definida como a

ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo, objetivo de uma sociedade ou de um setor dela (BERGER; LUCKMANN, 1966).

Desse modo, tanto o ambiente familiar quanto as instituições sociais são transmissores de valores, crenças e outros fatores externos, como os culturais, que afetam diretamente a formação e a transformação da identidade do indivíduo. O meio onde o indivíduo vive e convive pode ser tanto um fortalecedor como um desestimulador para a formação e transformação identitária. A respeito disso, Jonas (1995) ressalta a influência do patriarcalismo como um dos principais elementos que influenciam a construção das identidades de homens e de mulheres, pois na origem da sociedade patriarcal encontra-se a legitimação social da supremacia do homem sobre a mulher, fundamentada na propriedade privada e na inferioridade feminina pela diferença biológica/maternidade como fator de desigualdade social.

Bourdieu (1999) confirma dizendo que o mundo social produz uma realidade sexuada, dividida entre os dois sexos, entre o feminino e o masculino, o dominador e a dominada, a razão e o coração. E essa divisão cria uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social.

De acordo com DaMatta (1991), essa concepção do papel da mulher se altera a partir do momento em que elas passam a transitar mais no mundo público, pois é lá que ocorrem a mudança, a transformação radical e a revolução dos comportamentos com maior frequência, o que raramente acontece no mundo privado, descrito pelo autor como “*o local onde o tempo não passa e a história raramente bate à porta*” (DaMATTÁ, 1991, p.137).

Para Silva e Vergara (2002), na sociedade moderna, as organizações configuram-se, talvez, como espaço mais significativo para a constituição das identidades dos indivíduos. Kopittke e Machado (2002) reforçam afirmando que as organizações têm um importante papel na conformação de identidades pessoais, já que os indivíduos constroem uma representação simbólica de sua identidade pessoal em suas vidas. Bulgacov e Toledo (2004), por sua vez, consideram que a dinâmica identitária é influenciada pelo processo de socialização. Esse processo de transmissão de valores e crenças, pelo qual os indivíduos passam nas organizações, pode ser tão intenso que os mesmos reproduzem aquilo que foi interiorizado nas esferas de sua vida particular. Por outro lado, a identidade do indivíduo pode também influenciar na identidade da organização, criando até alternativas de trabalho, como destaca Santos (2004) em seu estudo sobre as características femininas e a criação de cooperativas e associações.

Oliveira (2008) mostra como essas associações, além de propiciarem a produção de renda, também possibilitam uma maior autonomia, auto estima e participação democrática das mulheres no processo. Para a autora, essa participação das mulheres vai além e ultrapassa o sentido material (renda e emprego), contribuindo para a sua inclusão social e para a promoção da cidadania.

Ao ingressarem no mundo do trabalho, além de ganharem maior independência financeira, as mulheres passam por um processo de reconstrução de suas identidades e de reflexão sobre os pressupostos, mediante os quais foram socializadas. As conquistas femininas, além de diminuírem a segregação das relações de trabalho entre homens e mulheres, mostram o quanto a inserção delas no mercado de trabalho eleva a incorporação de conceitos como cidadania às práticas do dia-a-dia. Porém, a equidade salarial e o acesso limitado a cargos de direção ainda são elementos que fazem parte da luta das mulheres por valorização e respeito, diante de uma sociedade com características patriarcais.

O ASSOCIATIVISMO E AS SUAS INTERLOCUÇÕES COM IDENTIDADE E GÊNERO

Com o avanço do capitalismo e da crise econômica que se instaura nas últimas décadas, novos arranjos produtivos e novos formatos organizacionais se desenvolvem em busca de alternativas que possam contemplar as vertentes econômicas e sociais ao mesmo tempo, ou tentar suprir as lacunas de demandas sociais não preenchidas pelo Estado. Destacam-se, nesse contexto, as organizações do terceiro setor, as associações e as cooperativas formadas por uma rede de atores que se unem em defesa de objetivos e ideologias comuns. Nesse sentido, “formas associativas e solidárias de atuação comunitária constituem modo privilegiado de participação dos atores sociais na gestão das questões comuns à comunidade” (NASCIUTTI et al., 2003, p. 91). Esses indivíduos buscam na mobilidade uma transformação social e uma oportunidade de terem acesso ao trabalho e de conquistarem direitos básicos de cidadania.

Por isso, perceber os tipos de gestão se faz importante para entender qual é a forma de gestão de uma associação ou que deveria ser, uma vez que seus princípios se baseiam principalmente na participação e cooperação. A respeito disso, Faria (1985) ressalta que há cinco formas de gestão:

- 1) Heterogestão: é uma forma de gestão radical, personificando amplamente o autoritarismo organizacional. As bases do poder, que aí são exercidos, fundamentam-se na coerção e na autoridade legal.
- 2) Cogestão: sob a cogestão, o operário não é reduzido a um mero papel instrumental, já que é reintegrada sua iniciativa e criatividade nos processos de produção.
- 3) Cooperativa de produtores associados: a cooperativa surge como uma associação de pessoas com o propósito de assegurar essencialmente os seus membros.
- 4) Conselhos operários: os conselhos operários não se baseiam em permissões concedidas pela benevolência das classes dominantes, mas em autênticas conquistas da classe trabalhadora que, ao invés de partilhar decisões, que nem sempre atendem seus interesses objetivos específicos, impõem sua vontade coletiva.
- 5) Autogestão: a autogestão pretende ser, assim, uma organização social que não aliena, pois não submete; que repousa no princípio de igualdade absoluta de todos os membros, pois não dicotomiza; no princípio da liberdade total de cada indivíduo, pois não reprime e, sobretudo, uma organização que, sendo percebida por todos como necessária a cada um, não seja imposta de fora por quem quer que seja, tampouco outorgada pela benevolência dos sábios, dos reis, dos legisladores, dos governantes, enfim, dos que se acreditam portadores da capacidade de definir e realizar os interesses dos outros.

Assim, a gestão de empreendimentos solidários, neste caso, associações, deveria ser baseada na autogestão, favorecendo, desta forma, a configuração de uma “identidade associativista” em que os atores decidem e executam as ações baseadas nos princípios que eles mesmos definem como norteadores. Nesses casos, deveriam ser eles os responsáveis, de forma igualitária, pelas decisões tomadas. Nesses moldes, os indivíduos participariam sem restrições e exerceriam a sua liberdade de opinião, que deveria ser uma característica presente nas associações autogestionárias, uma vez que a identidade da organização tem um papel fundamental na reconfiguração identitária dos indivíduos.

Bauer e Mesquita (2007) verificaram que a introdução da filosofia de produção agroecológica promoveu a articulação de produtores por meio da criação de cooperativas e associações. Aquela experiência possibilitou que a identidade da organização exercesse influência sobre a identidade do indivíduo. Em síntese, os autores tentaram evidenciar que as associações podem conduzir práticas e levar o indivíduo a uma nova interpretação de sua identidade, dando a ela novo significado.

Considerando ainda a perspectiva de trabalhar com a temática da identidade de gênero em associações, Fachine (2005) analisou como a experiência da formação de uma associação

de rendeiras reforçou a identidade de mulheres produtoras de saberes diferenciados em torno do artesanato. A autora concluiu que a interação dessas mulheres por meio da associação fez com que elas interagissem e lutassem pelo bem comum respeitando os saberes singulares.

Também Bunchaft e Gondim (2004), em outro estudo, constataram que as principais mudanças na identidade de mulheres após a sua inserção em uma cooperativa de costureiras foi a abertura para diálogo com os companheiros, pais e filhos; aumento de sua autoestima; a descoberta de que “ser mulher” não é apenas ser dona de casa; vitória pessoal (superação dos limites); capacidade de conciliar família e trabalho; disposição e sentido na vida (término da depressão); e otimismo em relação ao futuro.

Estudar as consequências da inserção de mulheres no mundo público é entender a própria evolução da sociedade rumo à igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. A presença das mulheres sempre se fez presente na história, de forma direta ou indireta, até mesmo quando não foi percebida. Portanto, vale ressaltar que essa participação das mulheres no espaço público é importante por estimular mudanças tanto na sociedade como em suas próprias vidas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 1994) através do estudo de caso. A utilização do estudo de caso tem como objetivo pesquisar indivíduos de três organizações associativas constituídas por mulheres. Desta forma, pela pesquisa envolver o estudo de mais de uma organização, trata-se de uma proposta de estudo de casos múltiplos.

Já sobre a classificação, Yin (1989) classifica o estudo de caso em exploratório, descritivo e explanatório. No estudo de caso exploratório, procura-se levantar questões e hipóteses para outros estudos; no estudo de caso descritivo, busca-se estabelecer associações entre variáveis; e no estudo de caso explanatório, ou explicativo, que é o que se pretende realizar nesta pesquisa, são desenvolvidas explicações sobre determinado fenômeno.

Para a realização da pesquisa, foram escolhidas três organizações inseridas na Economia Popular Solidária e em fases diferenciadas de seu processo de constituição, a fim de se permitir a comparação entre elas. Dentro dessa perspectiva de análise, as associações de Minas Gerais foram assim selecionadas: uma já formada e bem estruturada; uma intermediária, em processo de consolidação; e outra ainda em processo de formação. Os sujeitos da pesquisa são as mulheres que trabalham nessas organizações.

A pesquisa foi conduzida em duas etapas. Uma etapa preliminar foi destinada a mapear as organizações que se enquadraram no contexto da pesquisa e selecionar os casos a serem investigados. Ainda na primeira etapa, foram contextualizadas as organizações, a partir de seu histórico e principais processos de gestão. Para isso foram selecionadas pessoas-chave, como os presidentes das associações para fornecerem as informações desejadas sobre a história das associações. Esses entrevistados foram selecionados utilizando-se a amostra típica, intencional ou por conveniência (DIONE; LAVILLE, 1999, p. 170).

Na segunda etapa, foi feita a abordagem aos sujeitos centrais da pesquisa, cujo desenvolvimento se valeu da triangulação de algumas técnicas de pesquisa visando abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo (TRIVIÑOS, 1987). As técnicas de pesquisa utilizadas foram: 1) Realização de *entrevistas semi-estruturadas*, gravadas com o consentimento das entrevistadas; 2) A *pesquisa documental* foi empregada na verificação de aspectos da organização, práticas e eventos formais e informais de interação social. Na pesquisa documental são investigados documentos a fim de se poder descrever e comparar usos e costumes, tendências, diferenças entre outras características (CERVO; BERVIAN, 2002); e 3) *Observação não participante* ao cotidiano de trabalho das mulheres estudadas e à sua participação em rituais, cerimônias e eventos promovidos na e pela organização, com vistas a captar aspectos das relações sociais que permeiam o seu dia-a-dia, os quais podem não ser evidenciados mediante outras técnicas de coleta de dados.

As fases de tratamento das análises dos dados coletados foram as seguintes: 1) *preparação das entrevistas* com transcrição das fitas gravadas, segundo o roteiro de perguntas, agrupando as respostas por categoria para cada questão tratada, mediante *análise temática*, fundamentada em Minayo (2000).

Quanto ao sigilo empregado para proteger os nomes das entrevistadas, utilizou-se do seguinte código: **A** para a Associação 1, **A1** para a primeira entrevistada, **A2** para a segunda entrevistada e assim sucessivamente; **B** para a Associação 2, **B1** para a primeira entrevistada, **B2** para a segunda entrevistada e assim sucessivamente e; por último **C** para a Associação 3, **C1** para a primeira entrevistada, **C2** para a segunda entrevistada e assim sucessivamente. Em relação aos presidentes, os códigos utilizados foram: Presidente **A** para a presidente da Assoart; Presidente **B** para o presidente da ALAC; e Presidente **C** para a presidente da Viver com Arte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Associação 1

A Associação 1 é uma associação que foi fundada em 1986 com a seguinte finalidade:

divulgação do folclore e do artesanato regional; aprimoramento, coordenação, proteção, promoção e integração do artesão e artista popular ao mercado de trabalho por meio da arte e da cultura; estímulo à cooperação mútua entre os associados; realização de atividades que possibilitem o aprendizado e o aprimoramento com treinamentos, cursos profissionalizantes, oficinas especializadas e capacitação para o trabalho artístico e artesanal; promoção e participação em exposições, feiras, festivais e eventos para a divulgação do artesão e artista popular; comercialização do artesanato possibilitando o escoamento da produção, intercâmbio cultural e obtenção de fundos para a associação; e assistência ao associado sem paternalismo e dentro das condições da associação (ESTATUTO..., 1986, p. 1).

Além dessas finalidades a Associação A ainda participa de um Projeto de Lei de Incentivo à Cultura todo início de mês com uma feira de artesanato na Praça, juntamente com outras quatro associações. É uma Associação que possui 15 filiados e na sua totalidade mulheres. A Associação A não possui sede própria, mas por meio de reuniões mensais procura-se discutir assuntos relacionados a exposições, feiras e prováveis apoios.

Quanto aos trabalhos artesanais, as associadas os realizam em suas próprias casas de forma manual e minuciosa. São trabalhos delicados que, em muitos casos, foi passado de mãe para filha, destacando-se os trabalhos de tricô, crochê, pintura em tecido, biscuit, bordado, madeira, meia de seda e bucha vegetal.

Em relação à criação da Associação A, a ideia principal partiu da necessidade de união de pessoas, através da feira de artesanato na praça, como também para melhorar a organização e a avaliação dos produtos. A iniciativa de formação foi de um grupo de artesãos com o apoio da Secretaria de Turismo, e o principal obstáculo enfrentado foi a retirada dos atravessadores (PRESIDENTE A). Hoje, a Associação A é um empreendimento de autogestão, de cultura, capacitação e comercialização para a geração de renda, reconhecida pela comunidade por sua luta, persistência e trabalho (PRESIDENTE A).

Por meio dos trabalhos manuais e artesanais, podemos perceber a luta diária dessas mulheres na busca constante de reconhecimento pelo trabalho e de valorização pessoal. Grande parcela das entrevistadas iniciou essa luta sem o apoio do companheiro, que as relegava ao segundo plano ou simplesmente não via motivos para que elas se libertassem do mundo privado ao qual estavam destinadas. Um mundo onde o trabalho em sua maior parte

passa despercebido ou mesmo malvisto, algo sem valor, sem remuneração (BOURDIEU, 1999).

A história de cada uma nos remete a uma emoção, seja na fala, no gesto e na simples satisfação de desenvolverem trabalhos tão delicados e infelizmente pouco valorizados, onde o apoio de órgãos públicos é mínimo ou até mesmo inexistente. Muitas vezes, a verba para participarem de eventos parte do bolso de cada associada, como se pode observar: “[...] a Prefeitura entra com muita pouca coisa, às vezes, eles dão caminhão pra levar mercadoria, mas aí tem que pedir antecipado, e verbas pra nós não sai nada não. É nosso recurso próprio mesmo da Associação [...]” (A1).

Outro aspecto observado na história dessa Associação é o número de associadas que realmente participa da Associação A. Nem todas se envolvem como deveria. Mesmo sendo uma Associação antiga, alguns princípios que abrangem o conceito de empreendimento solidário como participação e cooperação no trabalho não são abraçadas por todas.

Olha, quando ela começou tinha gente pra caramba. Muita gente e a gente não tinha, assim e...colocava as coisas no chão da praça, sabe? Foi uma batalha, batalha mesmo e colocava as coisas no chão e só depois que a gente foi se organizando. Só que os artesãos, é o seguinte, eles pensam que eles entram numa Associação e vai ter gente pra olhar, pra vender, vai largar lá o artesanato e vai embora pra casa dormir. Só que não é assim. Tem que ter um associativismo, né, solidariedade, porque se não tiver não tem como [...] (A5).

Em visita à feira de artesanato realizada pela Associação A, foi possível observar que são poucas as artesãs que participam e que batalham por seu artesanato e pelo nome de sua Associação. A batalha para continuar a desenvolver os seus trabalhos e quem sabe passar para outras pessoas o seu conhecimento e, assim, dar um sentido maior a outras vidas é uma batalha solitária de 7 mulheres de um total de 15 associadas. São essas 7 mulheres que realmente gostam do que fazem e acreditam em sua capacidade de mudar o próprio destino e até a cultura de uma sociedade com vestígios patriarcais, que faz com que o homem se julgue o único detentor da racionalidade, do mando e da construção da sociedade, relegando as mulheres à privacidade, às tarefas domésticas e ao fato de serem consideradas como apêndices, objetos de adorno e de satisfação (BOFF; MURARO, 2002).

A Associação 2

A Associação 2 foi fundada em 2001 a partir da “ideia de alguns artesãos na busca de um espaço para fazer o comércio” (PRESIDENTE B). A ideia anterior à criação da

Associação, que foi a de montar a feira na praça, teve o apoio do Prefeito da época, que juntamente com outras autoridades ampararam esse empreendimento (PRESIDENTE B). A partir da iniciativa de formação de um grupo de artesãos e com o apoio do Secretário de Esportes e de autoridades, realizou-se o agrupamento dos artesãos da cidade e o seu cadastramento para montar a primeira feira, que, desde a sua criação, tornou-se uma referência cultural aos domingos, um ponto de encontro onde as pessoas desfrutam de uma boa culinária e belos trabalhos artesanais. Segundo o seu Presidente: “no domingo... na parte da manhã, a cidade, sem a feira, não funciona” (PRESIDENTE B). Esse aspecto foi também confirmado por algumas associadas que veem a feira como um atrativo, um benefício para a comunidade que se via sem nada para fazer aos domingos. A feira da Associação B aos domingos é um motivo para as pessoas acordarem mais cedo e irem se reunir na praça central da cidade. Além disso, é uma forma de recuperar o aspecto lúdico de uma cidade do interior.

[...] Eu penso assim que se um dia acabar a Associação, principalmente para o público, vai ser uma perda muita grande porque já acostumou de todo domingo ir lá na praça [...]. Eu acho que para a população...eu acho que é um atrativo no domingo, passear [...] (B1).

A história da Associação B envolve a participação das mulheres desde a sua criação nos cargos de presidente, vice-presidente e secretárias como também representadas nos conselhos: deliberativo e fiscal (respectivo à Associação B, 2001). A Associação B não possui sede própria e os seus 85 filiados, 28 homens e 57 mulheres, desenvolvem os trabalhos em suas casas.

Buscando superar, desde o início de sua criação, o principal obstáculo que se refere aos costumes da cidade, que não possui uma tradição histórica voltada para o artesanato, o trabalho da Associação B, hoje, já é reconhecido pela comunidade por se encontrar bem estruturada e bem representada através da participação de seus associados na habitual feira aos domingos e pela participação em exposições e eventos relacionados ao artesanato e à Economia Popular Solidária (PRESIDENTE B). Porém, por outro lado, na Associação B, como ressaltam algumas associadas, ainda falta apoio da Prefeitura. Elas alegam que, por representarem a cidade em eventos e por divulgarem o nome da cidade na feira, o incentivo da Prefeitura deveria ser maior. Contudo, esse apoio não pode descaracterizar o empreendimento associativista, influenciando em seus objetivos. Em alguns casos, a política passa a ser politicagem e a associação passa a ser controlada por partidos políticos, tendo que mudar a

sua finalidade. Nesses casos, é preferível não contar com esse tipo de apoio, que, na verdade, é uma forma de controle mascarada.

[...] Eu acho que a gente merecia mais apoio. A gente vai pra fora, a gente não está divulgando nosso trabalho, a gente tá divulgando a cidade. Nós estamos é fazendo política, a gente tá fazendo política lá, que através disso a gente vai em exposição que tem prefeito de outras cidades, deputados [...]. Então, eu acho que a gente leva o nome de Lavras e a gente deveria ter mais apoio [...] (B9).

A união e o individualismo também são aspectos que foram verificados dentro da Associação B, prejudicando não só o relacionamento entre os associados, mas também o fortalecimento dos empreendimentos solidários como uma alternativa viável para a geração de trabalho e renda e, conseqüentemente, diminuição das desigualdades.

[...] A união das pessoas ainda é uma coisa que, não que eu seja, eu posso não gostar de uma pessoa, mas pelo menos eu devo respeitar aquela pessoa [...]. Você tem de ver a Associação como um todo [...]. E esse eu acho que é o ponto pior que existe dentro da nossa Associação, é justamente a falta de união. Acho que as pessoas não tão muito preocupadas com o umbigo da outra, mas só com o seu [...] (B12).

Nessa luta diária por reconhecimento e valorização, não só a Associação B, mas a maioria das associações de artesanato encontra, muitas vezes, um caminho repleto de incertezas e dificuldades. São poucas as que perduram ao longo do tempo e alcançam o merecido reconhecimento pelos delicados e minuciosos trabalhos manuais e artesanais de biscuit, tricô, crochê, pintura, e suas guloseimas caseiras, que são as tortas, doces e salgados que representam uma geração e uma gostosa cultura tipicamente de interior, como no caso de Lavras.

Enfim, essas mulheres encontram no artesanato e na culinária uma forma de superação, seja emocional ou financeira. O que se observa é um resultado positivo vindo da participação na feira e no desenvolvimento de seus trabalhos. São histórias diversificadas, de mulheres que encontraram nesse ofício e ao mesmo tempo, nessa distração, uma forma de reconhecimento e valorização, algo que vai além da renda, algo que possibilita uma maior autonomia, ainda em grau reduzido. Falta a elas participação mais democrática nesse processo, assim como defendido por Oliveira (2008).

A Associação 3

Fundada em 2006 pela sua atual Presidente e criada essencialmente por mulheres em busca de geração de trabalho e renda, a Associação 3 se propõe, segundo o art. 2º de seu Estatuto; a:

Promover o desenvolvimento urbano e rural através da capacitação profissional para o trabalho e renda, da educação e da cultura; atender jovens e adultos que buscam a qualificação profissional e ainda oferecer oportunidades de inclusão social para crianças, adolescentes e adultos portadores de deficiência, como também às pessoas idosas, por meio de oficinas de produção artesanal, oficina de trabalho e renda e incentivo ao estudo e à cultura (ESTATUTO..., 2008).

A Associação C não possui sede própria, sendo os trabalhos artesanais realizados nas casas das 20 associadas. Embora seja uma associação nova, a Associação C já conta com o apoio de várias associações e instituições, como afirma a sua Presidente. Para a participação em feiras, a Associação C tem como apoiadores órgãos como o Instituto Maritas de Belo Horizonte, a Cáritas Brasileira e o Sedese (PRESIDENTE C).

Apesar de a Presidente da Associação C destacar alguns órgãos de apoio, na Associação ainda falta recurso e incentivo, tanto financeiro quanto na forma de estímulos para a sua estruturação, como se pode observar nesse depoimento: “[...] falta mais incentivo, falta dinheiro, falta recurso assim de todas as partes, sabe? Tanto recurso financeiro como incentivo, né? Mais incentivo pro grupo [...]” (C1). Essa falta de apoio tem sido um aspecto notado em todas as três associações estudadas. E, talvez, essa inserção das associações na Economia Popular Solidária se dê em busca de um maior reconhecimento dos seus trabalhos desenvolvidos, como também, um incentivo, principalmente, em relação à participação em feiras e exposições. Entretanto, o apoio não pode ser buscado como uma muleta para sustentar as atividades das associações. Elas têm que aprender a caminhar sozinhas. Muitas vezes, elas ficam dependentes do apoio externo porque parece mais fácil do que o autodesenvolvimento de capacidades que as levariam à autonomia.

Segundo a sua Presidente, embora seja hoje, uma associação reconhecida pela comunidade tanto pelos trabalhos artesanais como pelos seus trabalhos sociais, a Associação C teve que superar no início alguns obstáculos, como a falta de verba, a ausência de um espaço físico e as divergências entre os associados, principalmente quando alguns se opunham às ideias do grupo. Por se tratar de um tipo de organização e por envolver diferentes pessoas com diferentes pensamentos e ideias, a discórdia é algo que pode surgir, mas que

deve ser resolvida para que não prejudique o fortalecimento de vínculos como a cooperação e a solidariedade entre as associadas.

Por ser uma Associação criada a partir de um momento político, durante a campanha de um deputado, e por ainda se encontrar enraizada mais em interesses “politiqueiros” do que ideais sociais, o que se pode observar é uma Associação assentada em princípios pouco sustentáveis, onde a falta de união, a desconfiança e a descrença em relação a pessoas de dentro da Associação se fazem presentes e contrárias ao que deveria ser realmente um Empreendimento Econômico Solidário. No depoimento da associada C5, percebe-se que a Associação C necessita de uma reestruturação, uma “injeção de ânimo”, uma orientação da Presidente em relação ao sentido real do que seja uma Associação. Percebe-se, também, a dependência que as demais associadas possuem de sua presidente, o que, de certa forma, prejudica a coletividade.

[...] Então assim, a Viver com Arte tinha um monte de gente que foi saindo justamente porque perderam a confiança nessa pessoa. Então, assim, eu acho que tinha de dar uma reestruturada. Uma injeção de animo aí [...]. Falta uma orientação de como administrar o negócio [...]. É quem pode mandar, quem não pode mandar [...] (C5).

Ainda em relação à questão política, a sua Presidente diz que no início de sua formação, a Associação C contou com apoio da Prefeitura Municipal de Barroso, em relação a viagens e cursos de capacitação. Porém, o que se observa é que essa relação hoje se encontra um pouco distante e estremeçada. Esse aspecto demonstra como a Associação C possui fortes vínculos político-partidários, uma vez que questões partidárias são visíveis e afetam diretamente aspectos ligados à Associação, como ressalta essa associada: “[...] diz a Presidente C que é muito difícil falar com a Prefeita. Diz ela que a Prefeita não gosta dela ou ela não gosta da Prefeita, não sei [...]. Aí, se precisar de qualquer coisa lá (Prefeitura), dançou [...]” (C2).

Embora seja uma associação inserida na comunidade, como afirma a sua Presidente, a busca pela merecida valorização vem se concretizando aos poucos, lentamente. É uma Associação que tem muito a oferecer para a comunidade, mas que precisa primeiramente, fortalecer a sua identidade.

Para dar continuidade aos seus trabalhos artesanais de tricô, crochê, pintura em tecido, bonecas de pano entre outras pérolas artesanais e fortalecer o vínculo social e associativista, a diretoria precisa estar mais integrada com os ideais da Associação e menos preocupada com questões político-partidárias. Os ideais e objetivos da associação devem ser discutidos e

firmados por todos os seus membros e não apenas alguns deles. Um dos princípios da autogestão é que a organização, neste caso a associação, seja uma organização social que “não aliena, pois não submete [...]; sendo percebida por todos como necessária a cada um, que não seja imposta de fora por quem quer que seja” (FARIA, 1985, p. 77).

Em depoimento da Presidente C, pode-se observar que a Associação C tem construído a sua história em cima de muita luta e persistência, em um município com pouca identidade artesanal: “A cidade não tinha essa identidade do artesanato, daí nós criamos ela (Associação C)” (PRESIDENTE C). Mas é uma associação que se encontra em uma região marcada pela cultura do artesanato, como as cidades de Prados, Tiradentes, São João Del Rey, entre outras que influenciam através da sua cultura local a prática do artesanato, bem como a sua comercialização.

Esse aspecto, ausência da cultura do artesanato, não deve se tornar um fator de impedimento a determinado município para se sobressair em atividades inexistentes e contrárias aos seus aspectos culturais. Acreditar e ter pessoas envolvidas no processo de estruturação e fortalecimento talvez seja o primeiro passo para mudar o destino de uma comunidade local e, desse modo, desenvolver capacidades de inclusão social, participação, solidariedade e cidadania. Nesse mosaico de realidades tão diversas e contrárias, acreditar no indivíduo como um ser capaz ainda deve ser o primeiro passo para se quebrar paradigmas e modificar realidades.

As mudanças advindas após descoberta do artesanato e da inserção nas associações

Seja através de um contato amigo ou de uma conhecida, ou por si mesmas, a inserção dessas associadas em suas associações trouxe alguns benefícios para a vida de algumas das entrevistadas, como produção de renda, reconhecimento, satisfação, elevação da autoestima e, principalmente, momentos de reflexão sobre as suas atitudes e os seus comportamentos anteriores à associação. Por esse depoimento, é possível observar que a maneira como a associada se comportava, diante de uma determinada situação, é modificada após a sua participação na feira. Essa alteração vai além da comportamental, afetando até o círculo de amigos. É a socialização secundária (BERGER; LUCKMANN, 1966), presente na vida do indivíduo a partir do momento em que ele é introduzido em novos setores de sua sociedade, nesse caso, na associação, mais especificamente, na feira de artesanato.

[...] Eu era uma pessoa mais fechada, tímida, se alguém chegasse perto: ‘quanto custou isso?’ Eu ficava vermelhinha, gaguejava pra dar preço. Eu fiquei mais comunicativa, até o círculo de amizades aumenta [...] (B14).

A capacidade de interação é um dos aspectos melhorados a partir do ingresso em associações (FECHINE, 2005), assim como a luta pelos bens comuns e o respeito aos saberes de cada uma. Algumas entrevistadas aprenderam a respeitar os outros membros da associação para alcançar os seus objetivos comuns, o que, de acordo com Fechine (2005), reforça suas identidades como produtoras de artesanato, mas isso não acontece com todas.

É eu tive que aprender, não dentro da Associação, mas como pessoa sim. Eu sempre fui muito radical, entendeu? E aí acabou que depois que eu comecei a trabalhar eu tive que ser mais maleável, ver que cada pessoa tem um limite, cada pessoa tem uma extensão pra crescer, outros pra copiar [...] (B9).

Algumas vezes, essa busca pela participação nas associações se deu a partir de situações difíceis como a perda de um ente querido ou problemas de saúde, como a depressão. Sobre esse aspecto, Bunchaft e Gondim (2004) constataram que algumas das principais mudanças na identidade de mulheres, após a sua inserção em uma cooperativa de costureiras, relacionam-se à disposição e sentido na vida (término da depressão) e otimismo em relação ao futuro. Essas mulheres buscaram em algo com que sentiam prazer em fazer ou de que já tinham algum conhecimento, a superação de seus problemas. O artesanato e a culinária entram para completar um vazio, uma solidão e até mesmo superar uma dor, como nos depoimentos de muitas associadas que não viam sentido em suas vidas, citando o vazio e a monotonia como aspectos constantes em seu dia a dia.

Mudou muito. Quando a minha mãe foi morar comigo, eu tinha perdido o pai, irmã de repente, e minha mãe já era doente [...], eu ficava em casa o dia inteiro, por conta dela [...]. Ela faleceu, o que aconteceu? A minha vida começou a ficar monótona. Porque era só aquela vida: lavar, passar, cozinhar, cuidar do marido, dos filhos. Então, eu comecei a querer entrar em depressão [...], foi aonde eu entrei mais de cabeça no artesanato pra ter uma ocupação. E essa ocupação me melhorou muito, porque o que aconteceu? Eu não cheguei a ter depressão [...]. Então, eu acho que me faz muito bem. Não fico nervosa, às vezes, as coisas até me aborrecem, passa até despercebido [...] (A3).

A participação da entrevistada no empreendimento associativo, de acordo com o relato, ultrapassa o sentido material, corroborando com Oliveira (2008). Outras entrevistadas outras também relatam situações similares: a vida que levavam antes, exclusivamente doméstica, dedicada aos cuidados com a casa e com os filhos foi completada com atividades na esfera pública. É nesse mundo público que ocorrem as mudanças, as transformações e a

revolução dos comportamentos, o que raramente acontece no mundo privado (dentro de casa) (DAMATTA, 1991).

Ah, eu acho que mudou tudo. Porque antes eu ficava em casa, cuidando dos filhos, de casa e a pessoa quando tem muito tempo pra ficar pensando, só pensa em porcaria. Então, eu virei outra pessoa, parece que eu desabafo, porque aí você passa a conversar com outras pessoas, sabe, se distrai, se você fica em casa, olhando filho e limpando casa [...]. Então, eu acho que pra mim, mudou muito a minha vida [...] (A5).

Pode-se analisar, quando a entrevistada fala que “virou outra pessoa” após o ingresso na associação, que o trabalho fora de casa e a participação em um empreendimento de caráter coletivo são elementos que podem transformar a identidade da pessoa. Ou seja, a maneira como ela se vê perante os outros e como os outros a veem fica diferente. De acordo com Bunchaft e Gondim (2004), essas diferenças envolvem o aumento de sua autoestima, a descoberta de que “ser mulher” não é apenas ser dona-de-casa é a disposição e sentido na vida, entre outras coisas.

Há também aqueles poucos casos em que a iniciativa de se associar partiu de um simples deslumbramento por parte da associada em relação à feira. Nesses casos, as associadas procuraram a associação não por questões que envolvem a inclusão social e a produção de renda, mas pela busca de um reconhecimento e simplesmente por achar bonita aquela exposição e a interação do grupo como esta entrevistada: “porque eu achava bonito, né, todo mundo lá na praça, todo mundo igualzinho, bonitinho e assim... chegar lá e montar as barracas, tudo, o pessoal falando que acha o nosso trabalho bonito, né [...]” (B4).

Essa transição do mundo privado para o mundo público é algo essencial para a mudança e a transformação do indivíduo, porém, em alguns casos, a participação nas associações não acrescentou ou alterou a identidade de suas associadas, mas sim, no sentido de um maior conhecimento do seu trabalho pela comunidade, como neste depoimento.

[...] Mudou porque eu venho para as exposições coisa que eu nunca participei de nada. Antes eu vendia dentro da minha casa [...]. Hoje eu tenho muito mais contato. O pessoal me conhece muito mais. Então, me tornei muito mais conhecida [...] (A3).

Vale ressaltar que aspectos como elevação da autoestima, reconhecimento, valorização, crescimento e relacionamento profissional e pessoal e independência, são pontos que afetam diretamente a reconstrução identitária, uma vez que esse processo envolve a autorreflexão e a quebra de paradigmas e assim, a mudança como verificaram Bauer e Mesquita (2007) em seus estudos ao tentarem evidenciar que as organizações podem conduzir

práticas que levem o indivíduo a uma nova interpretação de sua identidade, dando a ela novo significado.

[...] Eu era muito dependente da minha professora, né? Agora com a Associação, eu tenho que me virar, porque eu não posso toda hora correr atrás da professora, né? Então, isso mudou muito pra mim, porque eu tenho que me virar [...]. Sobe bem a auto-estima [...]. E eu acho que foi bom pra mim nessa parte mesmo da auto-estima (B7).

Observar a realidade e participar dela traz questões antes banalizadas que estimulam a autorreflexão do que eu era e o que eu sou, provocando assim uma mudança de atitudes e comportamentos, como observado no discurso da entrevistada B7, quando ela fala sobre a sua superação em relação à dependência com a sua professora de pintura. A confiança e a elevação da autoestima foram aspectos importantes nesse processo de transformação na vida dessa associada. Importante lembrar que o ambiente onde o indivíduo está inserido pode ser tanto um fortalecedor como um desestimulador para a formação e a transformação dessa identidade. Pelo depoimento abaixo, o que se observa é que o simples fato de associar-se não modifica de forma significativa a identidade desta associada, nem sequer ocorre uma provocação em direção a uma transformação.

[...] Eu sempre fui uma pessoa ativa, né? Sempre fui de buscar aquilo que eu quero, sempre fui de ir atrás [...]. Acrescentou. Mas, mudar a minha personalidade, a minha maneira de ser, não. Eu sou uma pessoa que eu sou muito autêntica, sabe? [...]. Sou geniosa, como diz meu marido, sou brava [...] (B11).

O que se observa pela análise do depoimento é que o trabalho na associação reafirmou a identidade de B11. É como se ela tivesse buscado esse tipo de trabalho porque se identificou com ele, contudo a parte da autogestão relacionada ao associativismo não foi praticada pela entrevistada. O indivíduo deve interagir com o meio, ser ativo e atuante, caso contrário pouco ou nenhum impacto terá sobre a sua identidade. Para que haja uma mudança ou um acréscimo significativo na vida do indivíduo, a associação deve fazer também a sua parte. Sobre esse aspecto, tanto Silva e Vergara (2002) quanto Machado e Kopittke (2002) afirmam que a organização se configura como um espaço significativo para a constituição e para a conformação das identidades dos indivíduos.

Talvez, as mudanças mais significativas observadas estejam relacionadas à vitória pessoal de algumas associadas, capacidade de conciliar a sua arte e a sua culinária com os serviços de casa e até mesmo com outros trabalhos. A superação em relação a doenças, como

a depressão e também a superação de sentimentos como a solidão e a inutilidade, também são aspectos facilmente observados em várias entrevistas.

Mudou, mudou demais. Mudou pra bem [...]. Porque agora eu me acho assim dona de mim. Porque de primeiro eu era muito dependente dos outros, do marido, filhos. Agora eu acho que eu posso fazer alguma coisa que é conviver com as pessoas e com o meu artesanato. Ele me distrai. Ele complementa o meu dia [...]. É um vício mesmo, menina. Isso virou vício completo em minha vida [...] (C1).

[...] Eu tenho mais ocupação. Antigamente eu ficava em casa, não tinha, não sabia nem o que fazer. Ficava na televisão o dia inteiro, né? A gente fica com uma vida sedentária. Só ficar deitada, né, vendo televisão. Isso não é bom pra uma pessoa que já tá assim, digo assim, na terceira idade. Tem de ter alguma coisa e o artesanato pra mim foi uma terapia. Porque mesmo eu estando sentada a minha mente tá ali, né, funcionando, fazendo os meus trabalhos. Pra mim foi bom [...] (C3).

A transformação de uma identidade não é um processo simples. É algo gradual e que deve ser estimulado. Não basta o indivíduo participar de uma organização ou de um meio, é preciso muito mais do que isso. Simplesmente fazer parte não acrescenta nada de novo na vida das pessoas, pois para que haja uma reconstrução identitária é preciso que ocorra a troca entre os dois lados. O meio precisa fornecer oportunidades e a pessoa precisa demonstrar atitudes, caso contrário de que adianta fazer parte de uma associação de bairro se ela não oferece oportunidade para participar e expressar o que se pensa, e se por outro lado não há interesse algum no que ela tem a oferecer? Daí a importância dessa troca nesse processo, pois sem ela nada é assimilado e apreendido, não há evolução ou aprimoramento, simplesmente não há mudanças ou transformação. As associações precisam trazer essas discussões para o seu âmbito, incentivar a participação política, o envolvimento com os assuntos de sua gestão. Caso contrário, os ganhos são individualizados e as perdas coletivizadas, o que prejudica o alcance de objetivos mais amplos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a transformação identitária dessas mulheres foi o objetivo principal deste trabalho. Por meio dos resultados obtidos o que se pode observar é que grande parcela de associadas absorve o que vem de fora e posteriormente transforma o seu mundo particular e íntimo em algo novo, antes não vivenciado. Antes, muitas dessas mulheres se sentiam inúteis, desvalorizadas, sozinhas. Após a descoberta do artesanato e a sua inserção em uma organização, elas passaram a ver a vida sob outra perspectiva, mais interessante, mais

sensitiva, mais delicada. São muitas vidas com uma esperança em comum, a de resgatar seus costumes, sua história e seu valor como mulher capaz de transformar o seu mundo.

Essa mudança identitária é um processo de autorreflexão. A inserção em uma organização e seu impacto sobre a identidade das associadas acontece se a pessoa realmente interagir, refletir, oferecer e receber conhecimentos. O processo de associar-se deveria fornecer mecanismos para isso, mas infelizmente são poucas as pessoas que buscam conhecê-los, adquiri-los e transformá-los em algo pessoal. A reconstrução de uma identidade depende disso. Não basta uma pessoa fazer parte de uma organização e não retribuir. É essa troca que faz com que múltiplas identidades se configurem. É importante, também, que, nesse processo, a associação aja coerentemente com os seus ideais e com o ideal do grupo. Ela precisa ser um instrumento auxiliar nessa mudança do indivíduo e, claro, também como estímulo à criação de poderes.

Por outro lado, em relação a essas associações de artesanato, a maioria delas sobrevive com pouco ou nenhum apoio público. Elas não possuem sede própria e o incentivo é inexistente. Faltam divulgação e valorização do artesanato regional. A luta de poucas que ainda tentam levar a sua história para frente passa muitas vezes por momentos de pessimismo e descrença. A desistência de alguns associados enfraquece o princípio maior que se refere ao associativismo, que é a união. Comprova-se, dessa forma, que, nas três associações pesquisadas, esse apoio e incentivo, principalmente da Prefeitura, é pouco ou ainda está se estruturando.

Enfim, para conhecer a fundo as associações, os seus presidentes e as suas associadas, seria necessário um melhor aprofundamento das questões levantadas nesse estudo através de um número maior de investigações. Abordar outros sujeitos de pesquisa, testar outras hipóteses e analisar mais a fundo a história das associações seriam alguns dos meios para se alcançar um estudo mais consistente acerca da transformação identitária feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, M. A. L.; MESQUITA, Z. As concepções de identidade e as relações entre indivíduos e as organizações: um olhar sobre a realidade da agricultura agroecológica. **Revista de Administração Contemporânea Eletrônica**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 16-30, jan./abr. 2007.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1966. 247 p.

BOFF, L.; MURARO, R. M. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 287 p.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160 p.

BUNCHAFT, A. F.; GONDIM, S. M. G. Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 63-77, maio/ago. 2004.

CASTELLS, M. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: **O Poder da identidade: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v. 2, p. 170-285.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 242 p.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

ESTATUTO da Associação C. Barroso, 13 nov. 2008.

ESTATUTO da Associação A. Varginha, 1º nov. 1986.

ESTATUTO da Associação B. Lavras, 27 ago. 2004.

FARIA, J. H. **Relações de poder e formas de gestão**. Curitiba: Criar Edições/ FAE, 1985. 88 p.

FECHINE, I. F. A construção cultural e identitária das rendeiras da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM): entre o amor e a sobrevivência pela renda renascença. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 2005, Recife. **Anais...Recife**, 2005.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006. 727 p.

JONAS, E. Gênero, mercado de trabalho e conformação profissional: um olhar sobre a mulher trabalhadora em enfermagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

ENFERMAGEM, 47., 1995, Goiânia. **Anais...Goiânia**: Universidade Federal de Goiânia, 1995.

LAVILLE, C.; DIONE, J. A. **Construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 340 p.

LAVRAS. **Decreto-lei n. 4.068**, de 17 jul. 2002. Regulamenta a Lei n. 2.453, de 2 de dezembro de 1998, que cria a Feira de Arte e Artesanato de Lavras. Lavras, 2002.

MACHADO, H. V.; KOPITTKE, B. A identidade no contexto organizacional: perspectivas múltiplas de estudo: In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2., 2002, Recife. **Anais...Recife**, 2002. 1 CD.

MENEZES, M. I. C. B. B. Mulher, poder e subjetividade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 59-85, set. 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 269 p.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.

NASCIUTTI, J. C. R. et al. Cooperação e autonomia: desafios das cooperativas populares. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 6, p. 91-107, 2003.

OLIVEIRA, J. Mulheres na economia solidária: possibilidade de reconhecimento e emancipação social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 325-332, jul./dez. 2008.

PAHL, R. **Depois do sucesso**: ansiedade e identidade *fin-de-siècle*. São Paulo: UNESP, 1997.

SANTOS, S. V. Mulher: figura de desordem na ordem do emprego. In: CARVALHO, M. J.; ROCHA, M. **Produzindo gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 199-215.

SILVA, J. R. G.; VERGARA, S. C. Mudança organizacional e as múltiplas relações que afetam a reconstrução das identidades dos indivíduos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26., 2002, Salvador. **Anais...Salvador**: ANPAD, 2002.

SOIHET, R. **Gênero e ciências humanas**: história, mulheres e gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 94-114.

SUNG, J. M.; SILVA, J. C. **Ética e relações de gênero**: conversando sobre ética e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 95-107.

TOLEDO, S.; BULGACOV, Y. Cultura organizacional e identidade: implicações dos ritos de passagem na identidade de jovens executivos *trainees* em uma organização multinacional. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28., 2004, Curitiba. **Anais...**Curitiba, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

YIN, R. K. **Case study research**: design and methods. Bervely Hills: Sage, 1989.